

A INCLUSÃO E A REALIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Gabriela Eslabão Rajão Mendonça¹

RESUMO

O presente artigo apresenta estudos referentes à prática pedagógica diante da inclusão social de alunos com necessidades educativas especiais. Busca uma reflexão do processo de ensino aprendizagem com a inclusão baseado em vivências próprias e observações feitas em salas de aulas e entrevistas com professores que trabalham com alunos com necessidades especiais e em classes regular de ensino. A abordagem deste tema visa levantar um questionamento frente às dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar e tem como objetivo trazer questões a fim de possibilitar um melhor entendimento da inclusão diante da realidade educacional, apontando sugestões e melhorias para um aprendizado significativo e tornando o ambiente de ensino mais prazeroso e motivador. Este trabalho destaca a importância do professor na aprendizagem e a importância do desenvolvimento do aluno na fase escolar de ensino. Toda via menciona a respeito das escolas e da sociedade em geral de ainda não estarem preparadas para enfrentar a inclusão. Para contribuir neste estudo, buscou-se o embasamento teórico de alguns autores referentes à inclusão, ao ensino, às dificuldades na aprendizagem e ao desenvolvimento da aprendizagem escolar que é um fator essencial para a vida de qualquer pessoa, no entanto direcionando aspectos relevantes contribuindo para a realidade da prática pedagógica.

Palavras-chave: Inclusão, Prática Pedagógica, Desafios Educacionais, Dificuldades de Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Sabemos que a educação é um direito de todos e é de extrema importância na vida de cada ser humano. É na escola que se adquire uma formação e um preparo para servirmos a sociedade. Segundo a legislação educacional, o ensino é obrigatório e gratuito sendo oferecido desde a Educação Infantil que compreende de 0 a 6 anos, assim como o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Muitas mudanças foram acontecendo ao longo dos anos, pois o ensino foi sendo modificado, assim como as leis educacionais. A legislação e a política de inclusão fazem referência sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394, 20 de dezembro de 1996, abrange e contempla o ensino especial dos alunos com necessidades

¹ Mestranda em Educação da Unini – México, gabbirajao@hotmail.com.



educacionais especiais nas escolas e classes comuns. No entanto, a educação inclusiva vem sendo inserida no cotidiano escolar em todos os níveis e modalidades de ensino, contudo trazendo diversas discussões entre professores, funcionários da escola, pais e alunos.

Conforme define a Professora Ida Beatriz Mazzillo, “o princípio da inclusão é um processo educacional que busca atender a criança portadora de deficiência na escola ou na classe de ensino regular.” (MAZZILLO, 2008, p. 27). Com isso o ser humano adquire conhecimentos, além de estar diretamente em contato social, possibilitando um desenvolvimento intelectual e social, havendo trocas afetivas instigando o respeito e a compreensão das diferenças. Isso, porém, é o desejado, mas ainda não é o caminho seguido, como tudo que é novo, é preciso de grandes adaptações.

A sociedade convive com a diversidade há muito tempo, mas conviver apenas não basta, e sim adaptar-se a ela e a quem faz parte dela. Segundo o Psicólogo Howard Gardner, “cada indivíduo não é dotado das mesmas competências, é uma alternativa que permite aos indivíduos uma performance, maior ou menor, em qualquer área de atuação, o que caracteriza a multiplicidade de habilidades do ser humano.” (GARDNER, 1995, p. 210), ele afirma que cada ser humano tem as suas habilidades e diferenças, e que cada um tem as suas necessidades específicas.

No entanto, a inserção da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, ainda necessita de um amparo, as escolas necessitam ter uma infraestrutura para conseguir atender esses alunos incluídos, assim como salas de recursos com profissionais qualificados, materiais pedagógicos para se desenvolver a aprendizagem, adequação no plano curricular de ensino, segurança e habilidade. Porém, já existe a inclusão, mas não existem as adequações necessárias para receber e ensinar os alunos na maioria das escolas tanto públicas, quanto nas privadas.

Ainda existem alunos que não estão inseridos na escola normal, devido às instituições apresentarem dificuldades em atender os educandos com necessidades especiais. Com isso, a educação ficou comprometida, os ajustes necessários estão sendo feitos, mas ainda de forma bem lenta e implicando na aprendizagem. Isso, de fato, é bem preocupante por comprometer o processo de ensino aprendizagem devido às variáveis dificuldades enfrentadas na realidade escolar, porém os alunos precisam ter uma qualidade no ensino para obter um sucesso escolar.

METODOLOGIA

Este estudo busca abordar as questões em discussão diretamente ligadas a prática educacional inclusiva e diante das suas dificuldades e enfrentamentos da verdadeira realidade e vivência no âmbito educacional, principalmente a sala de aula, que é um dos principais ambientes de aprendizagens, assim como aprofundar o estudo trazendo alternativas para que se possa melhorar a educação sem deixar lacunas ou falhas no processo de ensino, buscando também, um embasamento teórico referente a estudos desenvolvidos por alguns autores que tratam a respeito da educação e do desenvolvimento da aprendizagem.

Para complementar este trabalho, foram feitas observações em algumas salas de aulas regulares da escola privada e pública, assim como, realizadas entrevistas com algumas professoras que estão trabalhando com o processo de inclusão, sendo analisadas as opiniões de cada uma frente à prática educativa com a atual realidade. Na escola privada as turmas observadas foram as dos primeiros anos e da escola pública foram as dos terceiros anos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com o passar dos anos a inclusão foi ganhando o seu espaço na sociedade. Antes as pessoas com necessidades especiais, dependendo da deficiência, eram vistas com limitações que impossibilitavam a convivência na sociedade, por exemplo, cadeirantes não tinham facilidade para se locomover e sempre dependiam de alguém, assim como deficiente visual e auditivo, além de outras pessoas com outras síndromes.

A maioria das famílias não estavam preparadas para inserir seu filho na sociedade ou buscar recursos que possibilitasse a socialização dele na sociedade, pois tinham muitas vezes a visão de que era difícil, ou até mesmo impossível essa interação, visto que o preconceito também existia de forma mais acentuada. Dependendo da classe social, dificultava mais ainda, pois eram poucos que conseguiam dar assistência aos seus filhos com necessidades especiais, os recursos eram mínimos e de difícil acesso.

Nos dias de hoje nota-se uma evolução no conceito de inclusão, pois as pessoas com necessidades especiais estão sendo inseridas na sociedade e adquirindo os mesmos direitos como as pessoas sem necessidades especiais. A medicina vem contribuindo muito nisso, pois desde a gravidez a família já consegue acompanhar o seu filho, e ao nascerem devido algumas

testagens já se tem o diagnóstico e até consegue saber se a criança é portadora de alguma deficiência.

Com isso, a maioria das famílias desde cedo procuram recursos para buscar uma assistência na vida de seu filho, recorrendo a diversos profissionais que contribuem no desenvolvimento, social, motor, afetivo e cognitivo, quanto a neurologistas, psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, pedagogos e psicopedagogos. Esses profissionais estão cada vez mais auxiliando e contribuindo na vida das pessoas com necessidades especiais, independente da deficiência.

O autor Jesús Sánchez, comenta a respeito da aprendizagem de cada criança sobre as necessidades educativas diversas.

Isso foi assim em outros âmbitos e parece admitido o fato de que quando se estudam, por exemplo, pessoas com determinados transtornos, como os do desenvolvimento, pode-se aprender muito com o desenvolvimento normal e sugerir modelos de intervenção úteis para toda a população e, ao contrário, modelos elaborados a partir da população geral-por exemplo, projeto curricular e educacional da aula, podem ser aproveitados para populações específicas, como as de pessoas com dificuldades de aprendizagem. (SÁNCHEZ , 2004, p. 49).

As escolas estão aos poucos buscando adaptações frente às dificuldades curriculares e as diversidades de aprendizagens dos alunos com necessidades especiais. Muitos profissionais se perguntam como lidar com isso e de que forma atender esses alunos, pois na realidade que estamos enfrentando nem todos os professores tem a formação adequada para atender a diversidade, mas ela já está diante de todos nós.

Com o novo sistema de ensino, no qual os alunos não repetem a série até o segundo ano, nota-se um grande crescimento nas dificuldades de aprendizagens, pois dentro da sala de aula tem uma diversidade de dificuldades a serem trabalhadas com a maioria dos alunos. Com a inclusão as dificuldades permanecem, pois além de atenderem aos alunos com dificuldades na aprendizagem é preciso também auxiliar aqueles com necessidades especiais. Desta forma o ensino não é consolidado da maneira que devia ser.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de inclusão inclui alunos com diversas necessidades educacionais especiais, tais como o TDAH, deficiência mental e/ou intelectual, deficiência física, síndrome de Down,



autismo, altas habilidades / superdotação, deficiência visual, deficiência auditiva, distúrbios de conduta, paralisia cerebral, entre outras.

Contudo ao estarem inseridos na sala de aula dependendo do grau da deficiência, há alunos que exigem mais atenção e necessitam de um tempo maior para conseguir desenvolver as suas atividades escolares, enquanto outros já desenvolveram o que foi proposto e tornam a sala de aula dispersa, dificultando aqueles que têm mais dificuldades. Porém, trabalhar com essa diversidade necessita atender cada um de acordo com a sua especificidade e em alguns momentos dando atenção individual.

As autoras, Oliveira e Raiça (1990) reforçam que:

A atuação de uma equipe de apoio é fundamental para se obter a integração do aluno deficiente na escola comum. Essa equipe, entre outras, exercerá as funções de avaliar o processo pedagógico integrativo, atender individualmente os alunos, bem com o assessorar pedagogicamente o professor da classe comum. (OLIVEIRA; RAIÇA, 1990, P. 07).

O professor necessita estar adaptado neste processo para conseguir atender cada aluno propiciando condições de ensino favoráveis junto com um monitor ou uma monitora para acompanhar o trabalho em sala de aula, mas isso raramente acontece. Segundo a entrevista e a observação feita em uma das escolas estaduais a realidade ainda é outra. Ainda existe o excesso de alunos por turma, ou seja, existem turmas com alunos de inclusão que não foram reduzidos os números de alunos e que também não tem o acompanhamento de um monitor.

Este é o fato que preocupa o ensino, além disso, nem todos tem a capacitação para atender esses alunos, os professores tem a demanda dos conteúdos para serem desenvolvidos e atender esses alunos dando a assistência devida nem sempre é possível. Nisso a tendência deles desenvolverem problemas de aprendizagem só aumenta, pois ao observar o ensino de hoje, é perceptível o crescimento das dificuldades de aprendizagens em geral. Há alunos que chegam ao quarto ano sem o domínio da escrita e da leitura, além de vários problemas relacionados à aprendizagem.

Toda a aprendizagem acontece de modo natural do ser humano, no entanto não é apenas na escola que acontece a aprendizagem. Segundo a autora Vânia Leite, explica a aprendizagem como “ um fenômeno complexo, multideterminado e se constitui como um ponto central do desenvolvimento de qualquer indivíduo na medida em que permite sua adaptação ao meio.” (LEITE 2012, p.8). O meio quando é favorável é o principal caminho para que haja uma boa aprendizagem, a influência do meio faz com que alunos aprendam ou não. E tanto para o docente, quanto para o discente, é frustrante e desmotivador quando não ocorre a aprendizagem.



Por este lado, o fato do meio social ser um ambiente motivador e que ao mesmo tempo proporciona e dispõe sendo um facilitador para trocas e aprendizagens, é verídico, mas há o contraponto nesta realidade. Na escola, se tratando de inclusão, o social se faz presente, e cabe também da aceitação dos demais alunos no enfrentamento desta diversidade. A inclusão social existe, mas a aprendizagem nem sempre, pois necessita de muitos aprimoramentos frente a este aspecto.

A realidade da prática pedagógica de um professor em sala de aula por vezes é angustiante, o modelo educacional que vem sendo trabalhado traz algumas divergências no trabalho do professor. Em sala de aula sempre houve a diversidade, como alunos inquietos, calmos, desatentos, atentos, com dificuldade e sem dificuldades, mas o nível de aprendizagem encontrava-se o mais próximo possível. Para o psicólogo Vygotsky, “a criança começa a perceber o mundo não somente através dos olhos, mas também através da fala (..)” (Vygotsky 2007 p. 23). Contudo o ambiente é um facilitador para a aprendizagem, mas em se tratar de casos de inclusão é preciso das adaptações necessárias para o meio.

Na realidade de hoje, as salas de aulas continuam com as mesmas diversidades, mas por não haver retenção do nível, há alunos com muitas dificuldades e que o professor não consegue intervir. Encontra-se, por exemplo, hoje em uma turma de terceiro ano, alunos já alfabetizados e alunos que ainda não estão alfabetizados, além daqueles que tem problemas disciplinares e comportamentais com desvio de conduta, também há alunos disléxicos e alunos hiperativos, por tanto, como um único professor com uma turma que abrange até 25 alunos dentro do terceiro ano, possa atender esses educandos, isso toda via é difícil.

Com o passar dos anos, essas dificuldades se não trabalhadas só aumentam. Nem sempre é possível o professor realizar e aplicar dois planejamentos diferentes para atender os casos especiais, até porque há conteúdos e objetivos específicos desta série para serem trabalhados. E quando se observa que não é possível dar uma boa aula e nem atender esse público com as suas limitações, isso torna o trabalho frustrante, pois chegar ao final do ano e ver a maioria dos seus alunos com notas baixas, sem interesse e que pouco obtiveram crescimento, torna o professor desestimulado.

É o que vem acontecendo e nada esta sendo feito para ser mudado, e quando o professor questiona levantando essas hipóteses ao mesmo tempo ele é obrigado a tentar se adaptar e a dar conta desta diversidade. De certa forma é cobrado de que é dele a responsabilidade de educar, ensinar e alfabetizar independente das dificuldades enfrentadas. A aprendizagem é um dos



processos mais importantes na vida do educando e tem as suas etapas, pois um trabalho que não é bem direcionado em sala de aula pode trazer consequências na parte cognitiva dos alunos.

De acordo com Sanchez, que trata sobre as dificuldades de aprendizagem:

Os alunos que apresentam “diversidade de aprendizagem” podem ser considerados do ponto de vista das “dificuldades Curriculares” (curriculum disabilities) e das ações para a sua eliminação. Especificamente, podemos enfocar o estudo e a compreensão dos alunos com dificuldades de aprendizagem, ou, em geral “diversidade de aprendizagens”, como um problema curricular com o qual o problema passa da criança para a escola ou, se prefere de um problema pessoal de um aluno a um problema educativo, no qual a ação didática ou projeto curricular vai desempenhar um papel-chave. (SANCHEZ, 2004. p. 52).

Ele menciona sobre o fracasso dos alunos diante de determinadas aprendizagens como a leitura, a escrita, a matemática e outras disciplinas. É de extrema importância o apoio do professor mediante as dificuldades de aprendizagens, sendo possível haver a aprendizagem quando há realmente a mediação do professor a esses alunos com dificuldades. Esse olhar é possível sim, visto que haja estrutura nas salas de aulas, assim como o número reduzido de alunos e um apoio para atender as necessidades específicas de cada sala de aula.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelo professor em sua em sua prática pedagógica, visto de muitas vezes estar desacreditado e desestimulado, lidando diariamente com frustrações no dia a dia em sala de aula, pode-se dizer que ainda isso não impede de que um trabalho significativo seja desenvolvido, há muitos professores que conseguem superar esses obstáculos e mesmo assim realizam um bom trabalho.

É visível que não só os educadores, mas também outras pessoas reconhecem que está cada vez mais difícil de educar e conseguir dar uma boa aula, diante das dificuldades que vem sendo enfrentadas pelos professores no cotidiano escolar. Contudo, ainda há professores que conseguem educar, alfabetizar e proporcionar uma aprendizagem aos seus alunos, mesmo com tantas barreiras. Nem sempre se consegue um bom resultado com a turma inteira o que seria o ideal, mas com alguns deles se consegue obter o aprendizado. E assim se faz, conseqüentemente ano a ano.

Cada aluno é único, assim como cada professor, no entanto, ensinar e aprender depende de um quesito muito importante, que é o que faz a diferença na vida escolar, a afetividade no ensino aprendizagem. No decorrer do ano letivo o professor e os alunos vão tendo a convivência diária e há muitas trocas de conhecimento, o convívio cria um vínculo e gera o afeto. Onde há afetividade há uma aprendizagem mais favorável. Às vezes, superam-se as dificuldades em sala de aula através do afeto e do olhar afetivo do professor ao seu aluno.



O professor e psicopedagogo Eugênio Cunha, refere-se à afetividade como:

É por meio do amor que se obtém a saúde mental e emocional. É em razão do amor que sabemos se somos felizes ou não. É por sua ação que os nossos alunos são encorajados a romperem os seus limites em voos mais altos e a respeitarem voluntariamente os limites estabelecidos para a sua disciplina e aprendizado. Quando se ama, é quando se devem disciplinar e estabelecer limites, não em momentos de rancor instintivo, nos quais agimos mais em razão de nós mesmos do que pelas necessidades dos nossos alunos ou filhos. Reflexos condicionados não educam. (CUNHA, 2008, p. 16.)

É dentro da sala de aula que acontece a maior parte da aprendizagem, e em todo o momento há aprendizagem. Com a inclusão não poderia ser diferente, pois os alunos com necessidades especiais muitas vezes aprendem através do afeto. Durante a entrevista com uma professora do terceiro ano de uma escola do estado, ela relatou sobre a evolução do seu aluno com Síndrome de Down, passo a passo de como ele chegou à escola e de como ele está após o período de dez meses. Suas intervenções com certeza fizeram a diferença no aprendizado dele, claro que dentro das suas limitações.

A professora entrevistada relata que a turma é boa, mas os recursos são precários e ela também não tinha apoio de um monitor, pois a escola não tinha sala de recursos, então toda a intervenção para este aluno partia dela. Pode ser observado que o afeto foi o primordial para que se tornasse o ambiente facilitador no processo de aprendizagem. O vínculo afetivo que foi criado entre ela e aos demais alunos, foi o que o motivou esse aluno da inclusão estar obtendo um crescimento positivo no seu desenvolvimento motor e social.

Conforme o educador Celso Antunes, a importância do papel do professor em sala de aula é ser agente no processo de aprendizagem do educando.

O professor não perde o seu espaço nesse novo conceito de escola. Ao contrário, transforma a sua na mais importante das profissões, por sua missão de estimulador da inteligência e agente orientador da felicidade. Perdeu seu espaço, isto sim, a escola e, portanto, os professores que são simples agentes transmissores de informações. (ANTUNES, 1998, p. 13).

A ação pedagógica também estimulou a aprendizagem deste aluno especial, mas se houvesse outros recursos haveria uma melhor aprendizagem. Ainda assim, pode-se dizer que a inclusão é apenas social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Entende-se que estar em uma sala de aula com alunos da inclusão não é algo fácil, pois é preciso saber lidar com várias diversidades ao mesmo tempo e adaptar-se a elas. Se crianças sem deficiências têm as suas dificuldades na aprendizagem, as portadoras com necessidades especiais também têm e é difícil dar a “assistência”, ou seja, o atendimento individual necessário, quando se têm vários alunos para atender.

A inclusão ainda está apenas social, isso infelizmente afeta a aprendizagem, por isso as modificações ao currículo precisam ser repensadas e melhor adaptadas de forma que não comprometa o ensino. Acredita-se que é preciso haver inclusão sim, porém não de forma integral como está sendo feito, no qual os alunos de inclusão são colocados em uma sala regular de ensino sem o devido suporte.

Não basta integrar o aluno que tenha deficiência e fazer com que ele seja aceito e bem recebido na escola, mas sim é preciso ter todo o amparo com os profissionais qualificados para melhor atendê-los, assim como dispor de materiais e recursos próprios para desenvolver um bom trabalho, e primordialmente adequar o ambiente para propiciar a acessibilidade de qualquer indivíduo.

É importante estudar e realizar as adaptações físicas e necessárias diante de um plano curricular que faça parte da realidade escolar existente e não fique apenas no papel. Propiciar salas exclusivas de recursos e professores que queiram trabalhar diretamente com o ensino inclusivo e buscar a qualificação fundamental para melhor atender cada aluno diante das suas necessidades específicas.

A escola deve propor sempre a acessibilidade, segurança e habilidade para qualquer pessoa, incluir sem barreiras valorizando e respeitando a diversidade. O que temos vivenciado é a escola tentando suprir as dificuldades com a inclusão, mas não conseguindo diante de tantos fatores que comprometem o ensino. Não se pode perder a esperança e nem tão pouco desistir da inclusão, que é algo humano e tão lindo, pois qualquer pessoa tem o direito de aprender e de estar incluso na sociedade.

O que não pode acontecer é deixar que o ensino se perca, e que o sucesso, de espaço para o insucesso escolar e tornar a educação um fracasso. A escola e o profissional da educação precisam ser mais valorizados, pois eles são muito importantes na vida de cada pessoa e é o que transformam e formam cidadãos para a sociedade. Precisamos de escolas que trabalhem a diversidade e a pluralidade social, cultural e étnica proporcionando um ensino de qualidade para todos junto da inclusão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. 6. ed. Campinas, São Paulo: Papiros, 1998.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e aprendizagem: amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: wak ed. 2008.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LEITE, Vânia Aparecida Marquês. **Dimensões da não aprendizagem**. Ed. Rev. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.

MAZZILLO, Ida Beatriz Costa Velho...[*et al.*]. **Fundamentos Teóricos e metodológicos da inclusão**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

SÁNCHEZ, Jesús- Nicásio Garcia. Tard. Ermani Rosa. **Dificuldades de aprendizagem e intervenção psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, Maria Teresa Baptista; RAIÇA, Darcy. **A Educação Especial do Deficiente Mental**. São Paulo: EPU, 1990.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. L.S. Vigotski; organizadores Michael Cole...[*et al.*]; tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.